



Jessica Bandeira

# ANNA

Inspirado pelo álbum homônimo de **SERGE GAINSBURG**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

**mojo**  
BOOKS

---

**ANNA**  
JESSICA BANDEIRA  
uma história inspirada por  
**ANNA**  
SERGE GAINSBORG

---

SÃO PAULO, AGOSTO DE 2009  
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY JESSICA BANDEIRA  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – [WWW.MOJOBOOKS.COM.BR](http://WWW.MOJOBOOKS.COM.BR)

---

# ANNA

## JESSICA BANDEIRA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**

---



---

## **ANNA** SERGE GAINSBORG

LANÇAMENTO: **1967**  
SELO: **PHILIPS**

---

### **PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM**

- 1.** Sous le Soleil Exactement 1
- 2.** Sous le Soleil Exactement
- 3.** C'Est la Cristallisation  
Comme Dit Stendhal
- 4.** Pas Mal Pas Mal du Tout
- 5.** J'Etai Fait Pour Les  
Sympathies
- 6.** Photographes et Religieuses
- 7.** Rien Rien J'Disais Ça Comme Ça
- 8.** Un Jour Comme Un Autre
- 9.** Boomerang
- 10.** Un Poison Violent, C'est L'Amour
- 11.** De Plus en Plus, De  
Moins en Moins
- 12.** Roller Girl
- 13.** Ne Dis Rien
- 14.** Pistolet Jo
- 15.** G.I. Jo
- 16.** Je N'Avais Qu'un Seul  
Mot a Lui Dire



**ANNA**  
JESSICA BANDEIRA

*Dedicado à Silvia Araujo, cujo perfume ainda permanece no velho casaco  
surrado de inverno.*

O avião pousou na cidade de São Paulo às onze horas da manhã do dia 31 de março de 2005. Desci com a sensação de o mundo ter girado duas vezes mais rápido e só eu ter ficado parada no mesmo lugar. Fui buscar minha mala, coração apertado, pensando que finalmente minha vida iria transformar-se num desses filmes *spaghetti western* (com direito a *bang bang* e tudo mais) ou quem sabe no *Show de Truman*. Não consegui achar as malas, olhei para os dedos das mãos e eles estavam brancos, sem cor. Aquele era o momento de felicidade inocente que jamais se repetiria, essas coisas que não sabemos quando estamos vivenciando. Encontrei minha mala e segui, de cabeça baixa, como se estivesse indo em direção ao corredor da morte. Lá ao longe vi um anjo vestido de vermelho. Fiz o que minhas pernas mandaram: corri. Corri até encontrar os braços mornos e aconchegantes daquele anjo de cabelos pintados. A última moda no céu.

— Você tem lindos olhos verdes. — disse Silvinha (anjos e seus codinomes feios!)

Não consegui esboçar muitas respostas, havia chegado o momento em que tudo estava escorrendo pelas minhas mãos e que não me sentia mais dona de nenhuma situação. Daquela, em especial. Fomos pra casa e tudo parecia ter tomado uma velocidade reduzida, as coisas passavam, faziam reverências, ficavam paradas na frente dos olhos. Realmente acreditei que Deus existia



naquele dia.

Silvinha tinha uma casa que parecia alguma espécie de oitava maravilha do mundo, cheia de egocentrismo por todos os lados. Milhares de fotos, era possível localizar mais de uma Silvinha pela casa, não era preciso chamá-la para evocar sua presença, os porta retratos faziam esta tarefa.

— Vamos almoçar? — ela indagou.

Em meio a carnes sangrentas e farofa, lá estava ela como uma majestosa rainha saboreando a comida. Existem certas experiências que não devem ser contadas, mas esta, gostei muito de compartilhar com o Eu Lírico. Nós nos comunicávamos e comentávamos sobre a beleza de Silvinha, como ela colocava o garfo com tanta elegância dentre os lábios. No outro lado da mesa, ao lado de Eduardo, marido de Silvinha, repousava a Morte. Serena como tal, comentava comigo e com Eu Lírico, sobre a moça, saboreando o momento que teria de levá-la da Terra e como aqueles idiotas ficariam ao pé de sua cama lavando o chão com suas lágrimas. Minutos depois, a Morte se despediu e sumiu na escuridão da lareira que ficava atrás da mesa de refeições. Meus pensamentos foram interrompidos por Silvinha que agora lhe oferecia mais um prato de comida.

— Não, obrigada.

Corri para o quarto e me tranquei lá. Destruí o quarto com minha felicidade, reverenciei Deus e prometi que iria me comportar como uma boa católica da Igreja. Chamei-o para um acerto de contas, essas coisas não aconteciam COMIGO. Ele foi categórico:

— É uma oportunidade.

— Como assim?

— Nem pense em jogá-la fora.

— Como assim?

— Você só sabe perguntar? Por que não olha ao redor e procura a resposta, está mais perto do que imagina.

— OK. Entendi. É uma troca-troca, Você me dá meu anjo e eu Te dou meu catolicismo e devoção pra todo sempre. O segredo da corrupção está aqui, Deus também corrompe sua alma.

— Sabia que não deveria perder meu tempo com você, filha. Não sei por que ainda insisto.

— Talvez exista alguma afetividade aí.

— Quem sabe. Aproveite esta chance e não foda tudo como eles dizem. Você pensa demais e não Eu, Deus, não preciso salientar o quanto isso lhe faz mal.

— Mas...

As cortinas ficaram batendo, Ele evaporou, droga. Deus acha que pode me intimidar com esse papinho de pensar demais, até parece. Depois desta demonstração de normalidade, voltei à sala, onde todos os anjos estavam reunidos assistindo televisão. Naquela época, eu era alienada demais pra entender a profundidade de um telejornal, ainda mais assistido por criaturas que, de alguma forma, não eram deste planeta, pois sua comida, seus atos e modos de agir não eram convincentes. De plástico, entende?

À noite todos resolveram dar o fora. Era minha chance, este era o Sinal Divino, Deus disse que era para aproveitar a oportunidade, então virei a casa de cabeça pra baixo, tentando encontrar algum vestígio de que não era gente deste mundo. “Nenhuma camisinha, hum.... Uma ótima evidência. Fora isto, tudo

parecia normal demais, até eu começar a ouvir barulhos e pensar “OK, estou no além da imaginação, vou deitar”. Deitei e, para infelicidade geral, acordei às oito da manhã.

Ninguém de pé. Caminhei pela casa e senti meus pés flutuarem naquele assoalho de madeira super encerado. Um cheiro de café inundou minhas narinas e sai com os braços em movimento até cair no sofá e adormecer novamente. Acordei pensando estar no Céu, pois lá ao longe, ouvia aquela voz, como o canto da sereia lara, me chamando. Anos mais tarde descobri que não era meu nome que ela chamou, mas deixem-me acreditar que foi.

— Vai tomar café? Ou chá? — Silvinha me perguntou

E foi assim que tomei gosto pelas xícaras de café, café familiar ou algo que o valha. Um dia, dois se passaram rápidos como cometas. No último dia de minha estada no Paraíso, fomos visitar o templo Budista. Mais uma vez achei que fosse o Sinal Divino, mas ao ver meus pés cheios de bolhas e eu subindo a escada agarrada ao braço de Silvinha e sua mãe (a velha de mais de cem anos, tenho certeza), sem fôlego, pensei que fosse a provação, não o Sinal. Eu tinha certeza de que seria uma coisa concreta, sinos tocando, algo assim.

Às 19h30, Silvinha me largou dentro do avião que me levaria de volta pra casa. Antes disso, me deu uma pulseira rosa com uma misteriosa moedinha. Pronto. Meu Sinal Divino. Empapei sua roupa de lágrimas, agora sim, tinha certeza de que poderia morrer uma morte aliviada. Despedi-me de meu anjo que disse que me amava e eu preferi acreditar que sim. Voltei pra casa.

Mamãe nunca entendeu. Como assim? Anjos? “Poupe-me Jessica, você anda lendo demais, minha filha!”. Por isso decidi que Silvinha e sua família

excêntrica seriam um segredo só meu, eu me sufocava por dentro por não poder contar para ninguém. Loucurinhas, loucurinhas de uma cabeça que achava ser incompreendida pelo mundo. Neste ano inteiro que se passou, todas as desgraças possíveis aconteceram, desde notas vermelhas na escola até picotar os cabelos e brigas que não acabavam mais. Vai ver por isso que Deus resolveu me visitar novamente:

— Surpresa!

Por favor, Deus não diria surpresa para um mortal fracassado. Mas deve ter sido algo do gênero:

— Tu de novo?

— Os problemas Me trazem de volta.

— Nossa, que novidade hein. Demorou a aparecer desta vez.

— Não estou brincando.

— Nem eu.

— Só venho reiterar o Meu veredicto da última vez: a oportunidade.

— De quê?

— De tudo, oras! Será que tenho de dizer como as coisas serão daqui pra frente? Descubra por você mesma! A oportunidade nunca foi e nunca será uma pulseira rosa.

— Você quer que eu perca meu tempo tentando descobrir a Mensagem Divina? Não posso. Se o Senhor fosse mais piedoso, eu não estaria morando aqui. Estaria em São Paulo com meu anjo vermelho, suas asas me protegeriam de tudo isto. Mas não, estou aqui rolando que nem uma pedra e AGORA tenho de ouvir um discurso politicamente correto? Ora bolas, digo eu!

— Você só sabe reclamar. Pensa que sou atendente de telemarketing? Eu sou DEUS!

— Se você é Deus, porque não realiza o que eu estou pedindo? Você é egoísta também, Senhor Deus.

— Ok, mais uma oportunidade.

— Que?

— No momento certo você descobrirá.

Mensagem subliminar não é comigo. Já estava suficientemente putinha para esquecer essa história e continuar sobrevivendo, pois sabia que só viveria se meu anjo pudesse me proteger. Ligações de nada adiantavam e não diminuía a saudade de seu abraço morno. E nesta enrolação, mais um ano se passou, os rostos foram mudando, mas eu continuava da mesma altura de meus pensamentos: pequenos. Comecei um curso de francês para me livrar de Silvinha e o nome deste sentimento era: *amour fou*. Hoje vamos aprender as palavras, vamos aprender isto e aquilo, eu ensaiava na frente do espelho em casa para dizer-lhe: *Tu est la femme plus belle du monde*. Quanto mais eu tentava, menos conseguia, a vida estava insuportável sem sua presença, fou, eu não cansava de repetir isto. No dia 22 de julho, fiz quinze anos. Silvinha havia me convidado para ficar no seu paraíso novamente e comecei a pular pela casa, com planos e um violão debaixo do braço, com as músicas francesas a tiracolo para lhe cantar. Agradei Deus em francês e não renovei promessas.

No dia anterior ao do embarque, aconteceu a catástrofe: ela cancelou a viagem e sumiu do mapa. Caí por terra, comi água e bebi bolores. Exigia uma retratação da parte de Silvinha e de Deus, que àquela hora devia estar rindo

do meu sofrimento — em francês. Enterrei meu coração no jardim de casa. E pensei em largar tudo, o francês, a escola e tudo que me fazia feliz de alguma forma. E por tudo, eu me achava numa novela mal feita da Televisa onde tudo está mal explicado, não se sabe de onde se sai os fatos, os personagens. Uma senhora espalhafatosa resolveu me dar a mão e me ajudar a sair do poço. Sua identidade verdadeira até hoje não sei, ela me divertia e isto fazia bem. Todos os dias quando a via, ela estava usando uma peruca de cor diferente, o rosto mais retalhado de Botox impossível, mas quem se importa com isto? Eu estava no fundo do poço e não poderia ficar requisitando gente.

Enfim, sai da miséria e recuperei o tempo perdido, mas obrigada, eu não queria ficar bem, gostaria de ter ido o mais fundo possível, debaixo da terra. Comecei a ter sonhos escabrosos. Sonhava constantemente em estar vendo um braço sendo costurado com uma linha de *nylon* preta, o sangue se esvaindo, um desespero tão grande e havia um som de violino que entrava na cabeça e não saía mais. Voltei a falar com Silvinha e, naquele momento, tive certeza da minha fraqueza e de quanto precisava de sua presença. Achei que os sonhos fossem acabar quando ela voltasse, mas eles continuaram cada vez mais constantes e um dia pela primeira vez chamei Deus por vontade própria:

— Não quero mais esperar. Que oportunidade é essa?

— Minha cara, você não tem paciência mesmo, não é?

— Minha vida está passando e preciso vivê-la. Não posso pegar um avião para vê-la, você sabe. Não tenho dinheiro e nem independência para isto. Também gostaria não ter mais estes encontros formais, como se estivesse me preparando para algo pior.

— Um dia você entenderá, acredite em mim. Estou neste mundo a sete mil anos, sei muito bem o que faço.

Antes que pudesse enchê-lo de porradas, desapareceu. O caminho mais fácil me foi negado, tive de seguir pelo mais árduo, pisando em pedras, cacos de vidro e tudo que via pela frente. Mas ela estava ali para me proteger com sua crosta amarelada e alguns dentes bonitos. Mais dois anos se passaram sem que eu voltasse a ver meu anjo. De alguma forma, já havia me conformado com a situação de que esse tipo de criatura não é sociável e que só apareciam para fazer bonito. A Silvinha aparecia apenas para sorrir e mostrar a seus amigos tocadores de harpas e mentiras que eu era sua protegida especial. Nas horas vagas lhe xingava em francês — agora já era fluente. A inclusão digital já havia chegado ao Céu, então nos comunicávamos por um sistema mais eficiente do que o de Bill Gates:

*“ Oi querida.*

*Estarei em Porto Alegre às oito horas de um domingo, dia 23 de agosto. Quer ir me ver?*

*Bjss*

*Syl”*

Ajoelhei-me no meio da biblioteca da escola, levantei as mãos ao alto, entoando cânticos desconhecidos. A vida em cor de rosa. Ela voltaria a ser cor de rosa, eu esperava por estes acontecimentos que me faziam viver até o final do ano. Antes deles, a palavra de ordem era sobreviver. Penso que perdi muito

tempo da vida, o suficiente para não notar os caroços que se formaram em meu corpo e meus dedos propensos a tendinite. Até domingo realizei minhas atividades com uma hiperatividade absurda, engolia pedaços de comida quase me engasgando, coisas afins.

No dia, coloquei uma roupa meio surrada de tanto ser usada no inverno e uma bota rasgada, mas que de perna cruzada não dava para ver. O cabelo que estava um ninho de ratos foi graciosamente arrumado e quando olhei no espelho até pensei que realmente pudesse ser tudo que ela dizia. Sorri para minha própria imagem e sabia que Deus de alguma forma estava do meu lado, só era rabugentice dele não assumir isto.

Silvinha desceu de seu quarto de hotel (anjos tem hotéis especiais para serem hospedados, acredito) depois de uma espera que pareceu ser a própria Eternidade. Como ela estava mudada, não pude deixar de me assustar. Vestia um enorme sobretudo preto, os cabelos sempre soltos e uma voz que sumia na imensidão. Nossa mudança era evidente, dois anos ou três faziam com que as relações não fossem mais as mesmas. A única coisa que continuava sendo a mesma era minha timidez e medo de tocá-la, como se não existisse. Ou fossem se quebrar como essas bonecas de porcelana que se vê no Brique da Redenção. Silvinha acalmou meu espírito para que me sentisse a vontade para agarrá-la e não largá-la mais. Grudei como um chiclete vencido em sapato, agarrei sua mão gelada como pedra. Parecia morta por dentro. Viajamos de carro para irmos jantar, eu não conseguia olhar fundo em seus olhos, talvez fosse falsa demais, sua sinceridade queimava meus olhos.

Jantamos qualquer coisa que não se pode chamar de alimento, feito por



aqueles *chefs* que acham que combinar agrião e tomate seco é chique. A sobremesa chegou e eu não quis comer, o fato de me separar dela dali a alguns minutos levou-me ao desespero.

— Come, é de morango. Come, vai.

Não resisti. Foi a melhor sobremesa. Talvez estivesse estragada, mas Silvinha demonstrou alguma preocupação comigo, então comi o mais rápido que pude. Lá pela meia noite, minha mãe começou a tortura chinesa com suas ligações incessantes deixando bem claro que iria me buscar dali a quinze minutos. Nos exatos quinze minutos, ela apareceu e acabou com meu resquício de felicidade. Naquela noite sentia que realmente a vida havia se transformado numa novela da Televisa. Silvinha iria morrer, suas asas estavam desgastadas, pude sentir isto ao lhe abraçar. Ela parecia que iria partir-se em minhas mãos. Comecei a lembrar do sonho do fio de *nylon*, eu a via sendo costurada, retalhada e por fim posta embaixo da terra.

Outubro chegou e com ele eu pressentia o começo do último ato da ópera. Viajei algumas horas para uma cidade em que ela estava e parecia que havia sido ontem que a vi. Fazia muito calor e eu estava com uma roupa de inverno maldita, que ódio. À noite, fui visitá-la. Mas ela não estava no hotel. Já podia pressentir que Deus aparecia naquele estacionamento fedido do hotel e diria: “perdeu a chance”. Não podia deixá-la escapá-la assim. Finalmente tudo começou a fazer sentido e eu não sabia por onde começar, recuperar todo o tempo perdido com pensamentos idiotas e canções em outros idiomas. Corri até onde me disseram que ela estava. Não estava mais lá. Meu esforço para vê-la não poderia ser jogado no ralo. Corri o mais rápido que meus pulmões

agüentaram enquanto em minha mente novamente se formava a imagem do braço sendo costurado. Esbaforida, consegui achá-la. Abracei Silvinha como se fosse minha boneca favorita, apertei contra meu corpo e perguntei em silêncio a Deus quanto tempo mais teria até o mundo começar a cair na minha cabeça. Ne dis rien, foi a primeira vez que consegui calar a boca em toda a vida, o silêncio dizia tudo, gostaria de poder ouvir e reparar em coisas que não havia notado antes. Acompanhei sua respiração cansada, a uma da manhã ela foi dormir. Retirou-se e me deu um beijo. A última vez que sentiria aquelas bochechas com a pele desgastada pelo tempo.

No dia 22 de junho de 2008, seis e meia da manhã, toca o telefone:

— Alô?

— Alô querida, está tudo bem?

— Sim, por quê?

— Tenho uma notícia pra te dar. Você tem que ser forte.

— O que aconteceu?

— Silvinha morreu.

— QUE?

— Sim... Ouvi na rádio hoje. Sinto muito, fica bem tá?

Entorpecida, já não tinha mais noção do que fazia sentido ou não. Nas primeiras horas me comportei como uma máquina fazendo serviços mecânicos, como ligar o botão de chorar e de fazer as mãos irem em direção a um abraço amigo. Sentei no pátio sozinha, sufocada por tantas lembranças, a pulseira rosa, o braço que finalmente era completamente costurado, Deus apontando seu dedo imponente para mim. Mamãe disse que um senhor estranho bateu na

porta e pediu pra conversar comigo. Era Deus querendo dar as caras, eu sabia. Recusei. A alma doía demais para que pudesse ter condições de um confronto face a face com o todo poderoso. Pois agora, eu sabia do Seu aviso: Silvinha se foi e você não pode ir junto com ela. Mas fui. A capacidade de raciocinar sumiu, meu organismo declarou luto indeterminado. O mais indicado naquele momento era um corpo cansado de tantas frustrações ter suas necessidades cessadas até que tudo se normalizasse.

Entrei em coma temporário. Era como se outra pessoa estivesse executando as funções por mim, enquanto dentro do meu corpo, neurônios e axônios discutiam o que fazer para que eu voltasse à sã consciência.

— Façam essa garota morrer logo! — dizia um.

— Não, vamos providenciar uma Silvinha de proveta. — dizia outro.

Contudo, um neurônio mais capacitado que os outros teve A idéia:

— Tragam a Morte para que tenha uma conversa derradeira com ela.

E assim, meu sistema nervoso mandou um recado telepático para Morte, que veio me visitar dias depois:

— Olha você.

— A novela sobre a vida de Jessica entra nos seus capítulos finais. A Morte vem para uma conversa extremamente decídua de caminhos. O que acontece a seguir?

— Não estou para brincadeiras.

— Nem eu.

— Vim para conversar. Deus me deu um relatório completo sobre sua pessoa, sei que o que vou dizer vai entrar por um ouvido e sair por outro. Mas

estou disposto há perder meu tempo com você. Sabe, a Silvinha está muito bem no céu, todos os dias, ela pergunta sobre você, escuta os recados que você deixa em sua caixa postal. Tenta responder, contudo ainda está se acostumando com sua nova condição de morta. Silvinha consegue, é um bom ser humano, aprende rápido estas coisas. Ela sabia que hoje eu estaria aqui e mandou um recado pra você.

— Qual?

— Disse que é para viver sua vida.

— Hum...

— Quem sabe por ser ela quem mandou o recado, você escute.

A Morte sumiu no primeiro rastro de escuridão que invadiu o quarto. Pela primeira vez na vida acatei um pedido e atirei-me nos trilhos das incertezas proporcionadas pelo passar dos dias, semanas e anos. Todavia ainda não consegui me livrar do maldito braço costurado que insiste em me perseguir.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)